

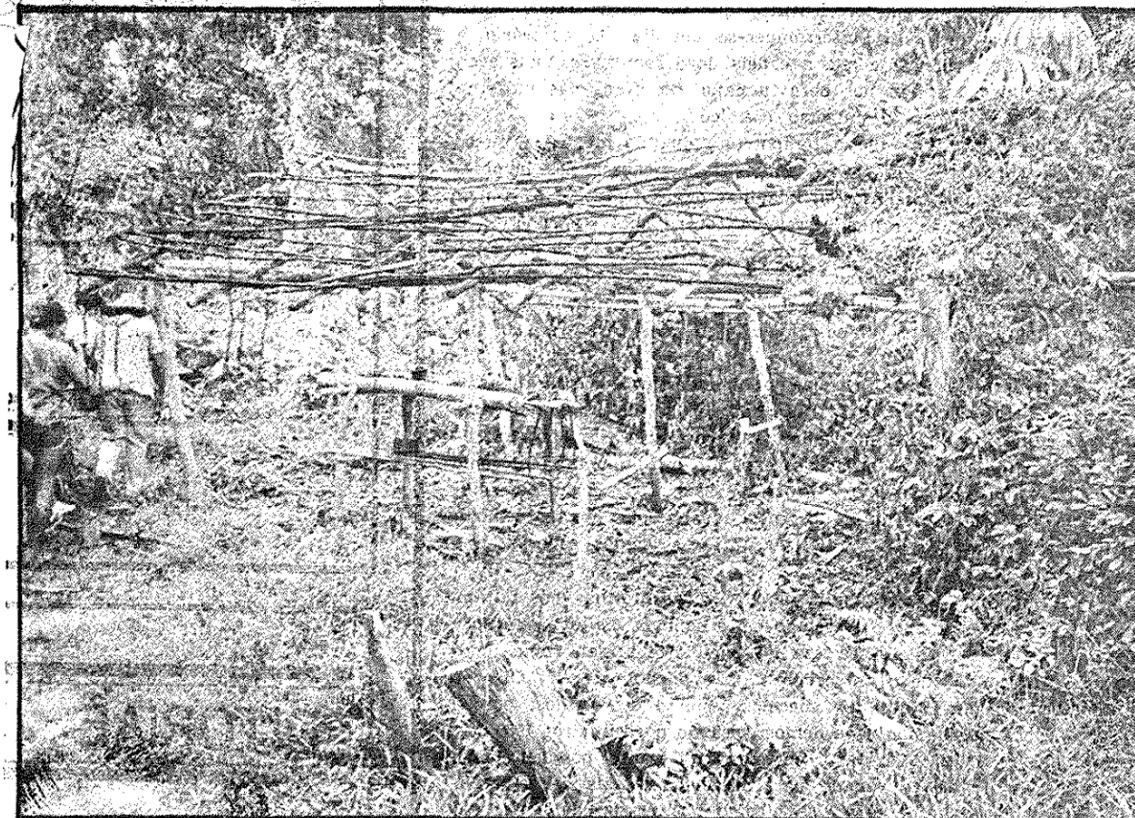
DÓLAR
OFICIAL
COMPRA CR\$ 10.240
VENDA CR\$ 10.290
PARALELO
COMPRA CR\$ 14.700
VENDA CR\$ 15.200

FOLHA DE BOA VISTA

TEMPO
Encoberto com pancadas de chuvas isoladas, temperatura estável

O PRIMEIRO DIÁRIO DE RORAIMA EDIÇÃO No - 146 BOA VISTA - TERÇA FEIRA - 24/12/85 Preço do Exemplar Cr\$ 3.000

O TERRORISMO NO GARIMPO



A cada acampamento vistoriado pelos agentes da Polícia Técnica, constatava-se a devastação fruto do terrorismo dos invasores

A invasão do garimpo de Santa Rosa, no Município de Boa Vista, ocorrida esta semana, causou grande impacto em Roraima, com autoridades e entidades de classe protestando contra a "operação".

Na última quinta-feira o presidente e dois diretores da Associação dos Faiscadores e Garimpeiros de Roraima estiveram em visita ao Diretor da Divisão de Polícia Federal em Roraima, Daniel Norberto, e apresentaram

o protesto de categoria pela violência perpetrada contra os garimpeiros. O Governo do Território também lamentou mais esta incursão em Roraima sem o seu prévio conhecimento, e pediu às autoridades das áreas de segurança que não permitam que o fato se repita, classificando o ato como "uma afronta ao Território".

O delegado Jacir de Souza Cruz, da Divisão de Polícia Judiciária do Interior, policial experimentado, esteve no garimpo

de Santa Rosa no último fim de semana para levantar os prejuízos causados pelo "comando anti-garimpo" e, em entrevista à Folha de Boa Vista, disse: "Estou estarrecido com o que vi, pois não pensei que pudesse haver pessoas com tamanho instinto de vandalismo. O que ocorreu no garimpo de Santa Rosa não foi uma ação policial, mas sim um ato de terrorismo praticado contra trabalhadores ordeiros". Reportagem completa e fotos inéditas, na página 7.

Terrorismo em Santa Rosa provoca prejuízo de milhões

O terrorismo praticado contra os garimpeiros do garimpo de Santa Rosa, situado há 250 quilômetros de Boa Vista, por agentes da Polícia Federal, causou verdadeiro pânico entre os trabalhadores daquela região e prejuízos calculados em aproximadamente Cr\$ 400 milhões. A informação foi colhida no local, após um levantamento feito pelos garimpeiros da região. Mais de vinte barracões, com máquinas, equipamentos sobressalentes, mantimentos, roupas e utensílios de cozinha foram totalmente destruídos pela ação dos policiais, que atearam fogo aos casebres depois de metralharem tudo. Os motores que não foram incendiados foram danificados e jogados nos poços de água, de onde os garimpeiros extraem o ouro, estando no fundo até agora. O delegado Jacir de Souza Cruz, diretor da Divisão de Polícia Judiciária do Interior, acompanhado por três agentes e mais o delegado Jaesder Ribeiro da Polícia Civil, esteve no local durante dois dias investigando os fatos, fotografando o vandalismo praticado e colhendo diversos depoimentos de garimpeiros que além de perderem todo o seu equipamento foram vítimas da brutalidade e da violência do "comando". A Folha de Boa Vista também esteve no garimpo de Santa Rosa e acompanhou todo o trabalho de investigação, entrevistando os garimpeiros no próprio local após 24 horas de uma perigosa aventura em plena selva e vencendo os desafios do rio Uraricá, que juntamente com o rio Santa Rosa é afluente do segundo maior rio de Roraima, o Uraricoera.

A DENÚNCIA

No dia 16 do corrente, à tarde, chegava a Boa Vista o garimpeiro Ubiratan Fonseca, que lidera duas equipes, com oito garimpeiros em Santa Rosa. Foi ele o autor da denúncia sobre a invasão do comando da Polícia Federal naquela região, surpreendendo-se ao saber que as autoridades roraimenses não sabiam de nada acerca da "operação".

Ubiratan Fonseca trabalha em Boa Vista, no Fórum local, onde exerce a função de oficial de justiça. Segundo ele, resolveu investir no garimpo as suas economias, comprando uma máquina financiada e depois outra, iniciando a caça de ouro no garimpo de Santa Rosa. Ele diz que o garimpo é viável e faz com que a renda familiar melhore bastante, pois somente com o ordenado fica difícil manter a família.

Diz Ubiratan que o trabalho no Santa Rosa é muito bom, pois o lugar é muito tranquilo e os garimpeiros que ali vivem são calmos, não havendo incidentes entre eles. Na semana passada — conta Ubiratan — estávamos na pista, quando ouvimos o ronco forte de dois helicópteros estranhos, que logo depois deram seguidos vãos raios sobre os barracões das cantinas e da "boate", quase que arrancando as palhas que lhes servem de cobertura. Quando pousaram, vimos que eram aparelhos camuflados, equipados com potentes metralhadoras

ponto 50, sendo uma em cada porta, e seus ocupantes não usavam nenhum tipo de uniforme, por isso ficando difícil para nós identificá-los. Ao se aproximarem dos garimpeiros os dez homens determinaram que todos se reunissem no centro da pista de pouso e que não faltasse ninguém, pois tinham um aviso a fazer. O chefe do "comando", como é lido mesmo fez questão de frisar várias vezes, era um delegado que apresentava ter mais de quarenta anos, falando e gesticulando com quem estava sempre com raiva, portando uma metralhadora de mão, calibre 9 milímetros. Foi ele mesmo quem determinou aos garimpeiros que evacuassem aquela área num prazo máximo de 72 horas, sob pena de se arreprenderem amargamente pela desobediência. Havia ali, reunido, um grupo de aproximadamente 150 garimpeiros, que não entenderam nada do que se passava. Perguntaram ao "velho" o porquê daquilo tudo, já que aquele garimpo estava em funcionamento há mais de dez anos sem que houvesse qualquer tipo de problema. A resposta veio dura e seca: "Eu não tenho que dar satisfações a ninguém, mas digo que estamos em missão do Governo e se vocês não fizerem o que mandei sofrerão as consequências". Naquele momento, Ubiratan Fonseca argumentou que aquela operação não era legal e que ele, como oficial de justiça iria impetrar um mandado de segurança para impedir a evacuação do garimpo.

Foi a gota d'água que faltava para que o "comandante da operação" demonstrasse a todos a sua fúria. Não permitiu que Ubiratan pronunciasse mais nem uma palavra, aplicando-lhe um violento murro na altura dos rins (para não deixar marcas de espancamento) e logo depois atingindo-o na cabeça. Em seguida, disse a Ubiratan: "Agora eu quero ver você impetrar alguma coisa contra mim". Esse incidente deixou os garimpeiros com a certeza de que aqueles homens não estavam brincando. O medo apodera-se da maioria logo depois que os helicópteros partiram.

OPERAÇÃO ESCONDE, ESCONDE

Refeito da violência que sofrera, Ubiratan exortou os companheiros a providenciarem a remoção dos seus pertences dos acampamentos no garimpo, pois "os homens voltarão para queimar nossas casas". Da pista de pouso de Santa Rosa até o local denominado "Baixão do Cabeça", onde estão localizadas as grotas de extração de ouro os garimpeiros levam não menos de duas horas, sendo uma e meia por dentro do rio Uraricá, e mais meia hora por dentro da mata, se não estiver chovendo. A operação esconde, esconde dos garimpeiros levou quase dois dias, sendo feita apenas por uma minoria. Os demais não acreditaram que a violência pudesse acontecer e continuaram trabalhando normalmente.

Três dias depois, na terça-feira, 17 do corrente, os garimpeiros trabalhavam, preocupados e

tenso, quando ouviram o ronco dos helicópteros da Força Aérea Brasileira. A ameaça seria cumprida, e não haveria defesa. O jeto, então, era abandonar tudo e tratar de fugir para a mata.

Um dos aparelhos pousou na pista e seus ocupantes iniciaram o trabalho de intimidação dos garimpeiros que ali estavam, invadindo as casas, apreendendo as espingardas de caça e quebrando as balanças de pesar de ouro. Depois, rumaram para a "boate", onde se agrupavam as mulheres que alegam um pouco a vida dos garimpeiros, obrigando-as a irem para o igarapé e se despirem completamente. Aprenderam também algumas garrafas de "Catuaba", as quais foram ingeridas "por conta da casa". Apesar disso, diversas mulheres disseram que "eles não nos molestaram", certamente com medo de represálias. Mas os garimpeiros confirmam a informação.

O outro helicóptero, com cinco homens fortemente armados a bordo, deslucou-se para o "Baixão do Cabeça", pousando numa clareira dentro da selva. Naquele local se localizavam as áreas, ou grotas, de Expedito Cunha, Sebastião José de Souza e Eriston Pereira de Souza, conhecido pelo apelido de "Mineiro". Esses três foram os mais duramente atingidos pela violência e pelo terrorismo dos policiais, que metralharam tudo o que podiam, desde painéis até as máquinas e caixas resumidas de madeira, além de metralharem e depósitos de combustível, que deixaram vaziar cerca de 500 litros de óleo diesel em cada barracão. Em seguida, não satisfeitos com a depredação, cumpriram a ameaça, ateando fogo ao combustível. As enormes labaredas lamberam rapidamente os casebres de madeira e palha, levando colchões, roupas, mantimentos e tudo o que estava no local, passando até às lavours dos garimpeiros. Foram queimadas bananeiras, cajueiros, mamoeiros e muita mandioca, macacheira, batata-doce e cana-de-açúcar. Como não sabiam por onde procurar os demais acampamentos dos garimpeiros dentro da floresta que é muito fechada naquela região, os federais iniciaram uma caçada na tentativa de prender pelo menos um garimpeiro, o que foi feito pouco depois. Antônio Alves da Costa, garimpeiro jovem, com apenas 23 anos de idade, natural do Piauí, trabalha no Santa Rosa há 7 meses. Estava escondido no mato, mas foi descoberto pelos policiais. Antes de pronunciar qualquer palavra o jovem foi agredido. Os policiais — conta ele revoltado e nervoso — me bateram muito, sempre nos rins, e depois me penduraram pelas pernas com a cabeça dentro de um poço cheio de lama, para que eu mostrasse onde ficavam os acampamentos de meus companheiros. Depois de quase ser afogado naquela lama imunda, não agüentei mais e resolvi fazer o que eles queriam". Antônio Alves da Costa contou emocionado ao repórter como foi torturado, e fez questão de entrar no poço para ser fotografado. A medida em que mostrava aos federais os locais

dos acampamentos dos companheiros, com receio de ser fuzilado, Antônio presenciava novas cenas de abominável violência e novos incêndios. "Parece que eles queriam botar fogo na selva amazônica" — disse Antônio.

Dando a "operação" por encerrada no Baixão do Cabeça, o grupo de policiais embarcou no helicóptero, retornando à pista onde se juntaria ao outro grupo. Foi ali que um dos garimpeiros, que pediu para não ser identificado por ter medo de sofrer represálias, disse que "o chefe da operação afirmou que a promessa dele tinha sido cumprida, e agora só restava praticar gente reclamar com o Governo. Ele disse que era para nós irmos para Boa Vista, lá para o Palácio, pedir ajuda ao governador, para ver se ele dava jeito". Segundo o garimpeiro, eles disseram que fizeram tudo com a permissão do Governo, mas não disseram qual era o Governo, e por isso muitos deles imaginaram que o Governo de Roraima tivesse participação no triste episódio. Esse pensamento somente foi desfeito no dia em que Ubiratan Fonseca chegou a Boa Vista e falou com eles pela fonia, informando que em Roraima ninguém sabia de nada e que a ordem tinha partido de fora do Território. Essa informação acalmou os garimpeiros, que começavam a imaginar que as autoridades de Roraima estivessem contra eles.

O garimpeiro Norival Vieira, o "Paulista", procurou o repórter para informar que os federais haviam levado uma motosserra de sua propriedade, cuja documentação fez questão de mostrar, e disse que aquilo foi mais um abuso da parte daqueles homens. Além disso, afirmou que "eles roubaram os nossos alimentos, cachos de bananas e carne de sol, nos deixaram sem nada para comer". Outro garimpeiro, Eriston Pereira de Souza, o "Mineiro", disse que perdeu tudo o que possuía. Suas máquinas foram queimadas, metralhadas e depois jogadas na água. Seus mantimentos foram levados, inclusive 15 quilos de carne de porco do mato. "Eles devastaram tudo e me deram um prejuízo de mais de Cr\$ 100 milhões, e vai ser difícil eu me refazer, pois estou devendo muito dinheiro e sem poder trabalhar perderei o crédito" — disse "Mineiro" emocionado e angustiado. Ele acrescentou que "para mim está tudo acabado e não sei o que vou fazer". "Mineiro" ficou apenas com a roupa do corpo depois da "visita dos federais".

O garimpeiro Carlião, respeitado como líder no Santa Rosa, disse que poucas vezes na vida teve tanto medo como quando os federais chegaram pela segunda vez, invadindo a pista de pouso. Ele e outro companheiro foram os únicos garimpeiros a permanecerem nos barracões quando os policiais voltaram para cumprir as ameaças feitas dias antes. Segundo eles, "os homens chegaram dispostos a tudo, aterrorizando todo mundo".

DANIEL: "Não sei de nada" Na tarde da última quinta-

feira, dois dias depois da devastação do garimpo de Santa Rosa pela Polícia Federal, o delegado Daniel Norberto, Diretor da Divisão de Polícia Federal em Roraima, foi visitado por diretores da Associação dos Faiscadores e Garimpeiros de Roraima e pelo presidente da União dos Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia, José Altino Machado. Durante a conversa com aquela autoridade, o Diretor da DPF disse que não tinha conhecimento da operação no Santa Rosa, e tinha acabado de chegar daquela região e constatado que não havia acontecido nada de grave. Para ele, "apenas algumas palhoças da beira do rio foram queimadas, mas o resto estava normal". O delegado federal realmente esteve no local, mas segundo consta sua visita restringiu-se à pista de pouso e depois fazendo um sobrevôo da área atingida, o que dificulta a formalização de opinião acerca da destruição. Ele não soube informar de onde partiu a ordem para a operação, mas acredita que tenha sido em função das constantes denúncias sobre a presença de estrangeiros extraído minérios no Território e sobre as missões estrangeiras que atuam clandestinamente na área. Disse apenas saber que estava prevista uma "operação sigilosa em Roraima", mas não pôde fornecer detalhes.

GETÚLIO: "Estou perplexo"

O governador Getúlio Cruz, que se encontrava em Brasília no dia da invasão do seu Território, disse em entrevista à imprensa no último sábado, que "fiquei perplexo porque não fui informado de nada". Para Getúlio Cruz, "a segurança de Roraima é prerrogativa do seu governador e disso não podemos abrir mão". afirmou, ainda que esse episódio traz consequências sérias para a ordem pública e, por isso, ele protesta veementemente. Em Brasília o governador comentou o ocorrido com diversas autoridades, incluindo o próprio Chefe da Casa Militar, general Rubens Bayma Denys, o Conselho de Segurança Nacional e o Ministério da Justiça a fim de descobrir quem tinha autorizado "a missão", mas não conseguiu resposta. afirmou, também, que determinou ao secretário de Segurança Pública, Carlos Menna Barreto, que fosse ao garimpo de Santa Rosa investigar os fatos e colher mais subsídios e que o Governo de Roraima e a Polícia Federal se relacionam muito bem. Por isso ele estranha que o DPF tenha determinado uma operação daquela envergadura, à revelia das autoridades constituídas do Território. Getúlio disse ainda que "ao que nos parece, alguns elementos exorbitaram de uma missão e, por isso os fatos deverão ser rigorosamente apurados".

MENNA BARRETO: "Enquanto eu for o titular a Segurança Pública será tarefa minha"

O Cel. Menna Barreto deixou muito claro aos membros da equipe de policiais que invadiu o garimpo de Santa Rosa que a sua autoridade teria que ser respeitada, sobretudo porque ele

não tinha conhecimento da operação. O titular da SSP esteve pessoalmente em Santa Rosa para comandar as investigações sobre os danos causados e, depois, esteve na região de Surucucus, onde os federais montaram o seu quartel-general.

JACIR CRUZ: "Para mim é estarecedor o que se praticou em Santa Rosa"

A declaração é do delegado Jacir de Souza Cruz, diretor da Divisão de Polícia Judiciária do Interior, e foi feita momentos depois do seu retorno do garimpo. Segundo ele está a terceira vez que acontece um fato dessa natureza nos garimpos de Roraima, mas desta vez nós fizemos um minucioso exame técnico do local visitado pelo que supomos tenha sido uma equipe da Polícia Federal, porque eles não quiseram se identificar nem mesmo para o secretário de Segurança. Jacir Cruz afirmou que "a operação foi uma verdadeira devastação, com barracas, ranchos, máquinas e utensílios domésticos, além de frutas queimadas e completamente destruídas". Disse que foram encontradas cápsulas de balas calibres 9 milímetros e 38 e muitos objetos dos garimpeiros perfurados de bala, constatando até o desaparecimento de objetos dos garimpeiros inclusive uma moto-serra que, segundo consta, foi apreendida. Ele informou que foi aberto um inquérito para apurar as responsabilidades e disse que voltou a Santa Rosa para levar um pouco de tranquilidade aos garimpeiros, que estavam inseguros e tensos diante dos últimos acontecimentos. Segundo ele, "a população de Santa Rosa continua traumatizada e apreensiva, assombrada mesmo, pela forma terrorista como foi executada a chamada missão da Polícia Federal". Jacir Cruz disse ainda que "não sei como e baseados em que direitos aqueles policiais praticaram atos de tamanha selvageria contra os garimpeiros de Santa Rosa". Perguntado sobre a possibilidade de se colocar policiais civis ou militares no garimpo de Santa Rosa para dar mais segurança aos garimpeiros, atendendo a uma solicitação dos próprios trabalhadores daquela região, o delegado Jacir Cruz disse que não poderia garantir que seja deslocado um contingente, por peço que seja, para aquela área, mas que isso é preocupação do Governo de Roraima, para garantir a tranquilidade da nossa população em todos os quadrantes do Território onde haja uma população produtiva.

GARIMPEIROS EXIGEM PROVIDÊNCIAS

Os garimpeiros de Roraima, representados pela Associação dos Faiscadores e Garimpeiros, através do seu presidente em exercício, Diomedes Oliveira, informaram que irão exigir providências das autoridades federais pelos danos causados ao patrimônio de centenas de trabalhadores do garimpo de Santa Rosa. Ele destacou a importância do protesto do Governo roraimense e acrescentou que o fato não pode se repetir.